

**TEXTO APRESENTADO NA MESA REDONDA INTEGRADA NUM DOS ACTOS DE HOMENAGEM
A ARMANDO MARTINS JANEIRA EM 25 DE JULHO DE 2015, EM TORRE DE MONCORVO**

Quero, antes de mais nada, agradecer ao Senhor Presidente da Câmara o amável convite para participar nesta mesa redonda o que muito me honra e a que me atrevi a corresponder com todo o gosto e interessado em contribuir, dentro das minhas modestas possibilidades para, através desta mesa redonda se falar da vida e obra de Armando Martins Janeira. Quero, também, felicitar o Senhor Presidente da Câmara por esta feliz e oportuna iniciativa enquadrada no acto de homenagem àquela ilustre figura, cujo mérito e valor muito têm, justamente, sido reconhecidos a nível nacional e internacional e cujo centenário se celebra nesta nossa terra, e que era natural da freguesia de Felgueiras.

De referir que a Câmara de Cascais lhe havia prestado já uma homenagem, pelo seu 1º centenário, na qual estiveram presentes alta individualidades, ligadas à actividade diplomática de que se destaca o embaixador do Japão em Lisboa, o que representa mais uma manifestação do reconhecimento da valia do nosso Armando Martins Janeira, e a obra imensa no campo literário que incluiu, em particular e de sobremaneira, a divulgação da história e cultura daquele país do Oriente. Faço gosto em manifestar a minha satisfação nesta participação, invocando, por outro lado, a minha condição de parentesco com o nosso Armando Martins Janeira (a minha avó materna e sua Mãe era primas).

O Senhor Presidente da Câmara acabou de nos expor uma descrição biográfica, de Armando Martins Janeira o que me leva dispensar-me de a repetir relativamente a algumas das suas notáveis etapas de vida, nelas referidas.

Descrever a biografia da notável figura de Armando Martins Janeira é uma tarefa que exige responsabilidade e conhecimento profundo da sua obra tão vasta e tão rica que muito justamente mereceu o reconhecimento por parte de entidades superiores a nível nacional, tendo recebido, a título póstumo, a Grã-Cruz da ordem de Cristo, atribuída pelo Presidente da República de então, o Dr. Mário Soares, e, no estrangeiro, homenageado e condecorado no Japão, Inglaterra, Itália e no Senegal.

Em Torre de Moncorvo, em 1994, foi homenageado pela Câmara Municipal, dando o seu nome a uma das ruas da Vila e, em colaboração com a Associação Cultural de Moncorvo, estando, também, representada a Associação dos Amigos de Felgueiras, tendo sido descerrado um busto da autoria do escultor Manuel Barroco, natural de

Mogadouro. No Centro de Memória da Biblioteca Municipal, foi criado um Fundo Documental excelentemente preenchido por significativos espécimes literários e objectos pessoais de Armando Martins Janeira, de cuja visita se confirma estarmos perante uma vasta e valiosa obra, o que vem testemunhar e perpetuar a memória de tão ilustre Moncorvense.

Em 2006, a Câmara Municipal de Cascais distinguiu, postumamente Armando Martins Janeira com a atribuição da Medalha de Mérito Cultural, com diploma e, em Setembro de 2008, a mesma Câmara, através do seu Pelouro da Cultura, rendeu-lhe uma homenagem nos 20 anos da sua morte, através de uma exposição documental e de um ciclo de conferências proferidas por ilustres oradores, profundos conhecedores da sua vida e obra.

É muito extensa a obra de Armando Martins Janeira que, desde muito cedo – a partir de 1946 – ou seja com 32 anos, com obras sobre teatro e mais tarde livros sobre o Japão, a partir de 1954 até perto do seu falecimento em 1988 e muitos outros textos e colaboração em diversas revistas quer portuguesas quer estrangeiras. Para além da literatura, tão brilhantemente expressa, publicou livros e artigos sobre o Direito Internacional, entre 1946 e 1961, relacionado com a actividade diplomática.

Devo esclarecer que das suas muitas publicações que tive o gosto de ler e reler, me limito a transcrever algumas passagens que parecem dignas de serem aqui divulgadas e, para alguns lembradas.

Evocando a vida e obra de Armando Martins Janeira, por todos nós é reconhecida pela sua brilhante passagem e envolvimento nas actividades literárias e diplomáticas atrás apontadas, havendo numerosos testemunhos que o atestam, e que passarei a descrever neste acto.

Revelou, desde logo uma forte vocação literária e uma grande inclinação pela carreira diplomática, decisão que correspondia, naturalmente, ao seu elevado desejo de conhecer mundo e de apreciar as suas culturas o que revelava, desde logo, elevada curiosidade no contacto com outras culturas o que pressupunha grande sensibilidade para tanto. O seu imenso desejo de conhecimento do Oriente nas suas diversas vertentes, aliado à sua vocação literária e capacidade de observação, ajudou de forma determinante a expor, em numerosas publicações, sobre aquela região do Oriente, abordando os diversos aspectos da cultura e característica locais. Participou em congressos relacionados com a cultura oriental, em Oxford, Paris, Florença, Milão, Nice e em Quioto no Japão, e proferido conferências nas universidades de Oxford,

Cambridge, Londres, Viena, Roma, Tóquio, Kioto, Pequim, Nanquim, Nova Deli, Singapura, Catmandu e Alpbach e, no nosso País em Coimbra, Évora e Lisboa. Da sua autoria são, também, publicadas obras ligadas ao teatro e à poesia. De notar a imensa e rica produção literária sobre o Japão, sobre os quais adiante farei uma sucinta referência, e que deixou marcas para além da sua participação em eventos relacionados com a história dos portugueses naquele país, referente ao período desde a sua chegada em 1543 até 1639. Durante a permanência de Armando Martins Janeira no Japão, serão de destacar os seus sinais de envolvimento em eventos relacionados e consequentes da história dos portugueses no Japão, tais como a inauguração de monumentos, que o governo Japonês mandou erguer em memória e honra dos Portugueses daquela época e depois em memória do grande escritor e amigo do Japão que foi Wenceslau de Moraes. Refiro, também, a atribuição de um prémio, promovido pela Embaixada de Portugal, com o nome de “Prémio Martins Janeira”, ao jornal diário japonês “Manichi Shimbun” (Diário do Sol Nascente).

Alguns apontamentos que, na minha modesta análise, não posso deixar de evidenciar, são reveladores da sua capacidade, visão e compreensão da história e cultura nipónicas, e o inevitável esforço de pesquisa sobre os temas de natureza artística e de revelação da maneira de ser dos Japoneses. Situa-se este conjunto de intervenções e obtenção de resultados ao nível da melhor qualidade de investigação que foi conseguida pelos ocidentais. Pode e deve considerar-se Armando Martins Janeira o melhor e mais completo conhecedor da mentalidade e história do Japão reveladas nas suas numerosas e variadas publicações e resultante de uma permanência de cerca de 10 anos naquele país (de referir que esteve em Tóquio mais tempo do que em Lisboa !...). Foi cidadão honorário em três cidades japonesas. Nas suas deslocações pelo mundo, sempre o acompanhou o profundo amor pátrio e da terra que o viu nascer. Não resisto a transcrever um extracto do seu livro “Figuras de Silêncio”, no qual se refere ao Japão: “ *Ali, mais do que em nenhum outro país estrangeiro senti, em toda a minha alma, a grandeza do povo a que pertenço e a mais viva saudade da minha serra. Desde a primeira vez que saí de Portugal, trouxe comigo um tesouro que, por toda a parte, me acompanha - Três pedras da minha serra (Três pedras do Reboredo) e um cântaro de barro do Felgar. Elas me têm dado força para superar agruras, desafiar extremos, aguentar injustiças e agravos e caminhar no mundo com passo firme e cara ao alto. Foi a montanha originária que me inspirou o trabalho que no Japão fiz por Portugal. Na minha já longa profissão de diplomata... mantive-me sempre fiel à minha serra e àqueles do meu sangue que lavraram com pena ou trabalharam a terra de mãos no arado (...). Cidadão do mundo e transmontano. Tomei a minha*

profissão com seriedade e com modéstia, como se fosse professor (onde fervorosamente comecei e espero acabar), ou médico ou mineiro e dei-me a ela com o orgulho de representar Portugal”.

Não resisto ao impulso de expor algumas considerações sobre algumas das suas obras. Tantas e tão valiosas que, as presentes circunstâncias não permitem o desenvolvimento que merecem. Permitam-me, então, que aborde algumas passagens:

Sobre o livro “Figuras de Silêncio”:

Corresponde o seu título ao conjunto de esculturas, da autoria de Martins Correia (português já falecido), de algumas figuras notáveis relacionadas com a história do Japão. São elas: Luís Fróis, Luis Almeida, João Rodrigues, Jorge Álvares, Fernão Mendes Pinto, S. Francisco Xavier, os primeiros notáveis portugueses que estiveram no Japão nos desde os meados do séc. XVI até perto de metade do séc. XVII, e de Wenceslau de Moraes nos finais do séc. XIX e princípios do séc. XX. A acção destes portugueses é amplamente descrita em diversos livros não só da autoria de Armando Martins Janeira, mas de outros escritores nacionais e estrangeiros. A presença dos primeiros portugueses teve profundo impacto na civilização japonesa no que respeita a: Arte, astronomia, ciência, medicina, ciência náutica e cartografia, áreas em que os Portugueses estavam na vanguarda, como o demonstra a epopeia dos Descobrimentos, a missionação cristã e transmissão dos costumes ocidentais naquele país. Todos temos ouvido falar da chegada dos portugueses ao Japão em 1549 e da magnífica recepção que os chefes locais lhes fizeram, da sua acção missionária e comercial, ao longo de muitas décadas. Infelizmente, os portugueses passaram, a partir de certa altura, a ser gradualmente intolerados até serem expulsos, com a explicação geralmente aceite pelos historiadores de que a nova religião (cristã) implicaria uma perda de soberania do poder local, quer político quer religioso, havendo, neste campo, o budismo e o shintoísmo, fortemente implantados havia mais de dez séculos e profundamente enraizadas no povo japonês. Existem, hoje, em diversos locais, monumentos e outras expressões de registo da memória da presença dos primeiros Portugueses que chegaram ao Japão.

Quanto a Wenceslau de Moraes: Foi uma figura que tem merecido e continuará a merecer a atenção dos portugueses pela sua intensa actividade literária relativa ao Japão, com a abundante descrição dos hábitos, costumes e mentalidade locais nos quais se havia integrado que por lá ter vivido os seus últimos anos, tendo falecido em Tokushima. De notar que Wenceslau foi uma poderosa fonte de inspiração para muitos escritores sobre a cultura e história do Japão. De referir que Armando Martins Janeira

foi distinguido como cidadão honorário de Tokushima, cidade onde Wenceslau viveu e ali morreu, como atrás se refere. Wenceslau tem estátuas em duas cidades do Japão. Foi cônsul em Kobé entre 1899 e 1913 e nesta cidade existe um busto em bronze daquele português, inaugurado com a presença de Armando Martins Janeira, tendo o pano sido descido pela sua Esposa D. Ingrid.

De referir que Armando Martins Janeira, no sentido de reavivar a memória e acção dos Portugueses no Japão, muito contribuiu para que fossem erguidas diversas estátuas dos Portugueses antigos.

Sobre o livro “O Impacto Português sobre a Civilização Japonesa”

Não se pode ignorar este notável livro de Armando Martins Janeira, publicado em duas edições. No prefácio da 2ª edição Pedro Canavarro diz *“Este livro...é a procura clara...da resposta àquilo que ele próprio (Armando Martins Janeira) considerava excepcional – o facto de Portugal ter sido o país do Ocidente que mais marcou a História do Japão”*. Acrescenta que *“Armando Martins Janeira foi, ao fim e ao cabo, embaixador de ambos os países, tanto quanto profundo conhecedor das respectivas culturas...”*. No prefácio da 1ª edição desta publicação, diz-se que *“Com excepção do Brasil, em nenhum outro país Portugal exerceu tão profunda influência como no Japão”*.No campo das ciências e artes foram os Portugueses os introdutores das novas percepções e níveis de desenvolvimento e de diferenças. De referir que os Holandeses foram os seguidores da acção dos Portugueses no Japão no que respeita às novas correntes de conhecimento europeias. Como já atrás se referiu, o influxo da cultura ocidental introduzida pelos Portugueses no Japão foi por este país absorvida e amadurecida, sendo esta a explicação da rapidez de ocidentalização do Japão, depois de se reabrir ao mundo no séc. XIX. Diz Armando Martins Janeira: *“É nossa convicção de que...novas oportunidades surgem para uma renovação de amizade e interesses entre Portugal e o Japão”*. Armando Martins Janeira evoca Pascal que diz que *“Toda a História que não é contemporânea é suspeita”*, isto é, segundo Armando Martins Janeira, *“De pouco ou nada vale fazer evocações históricas se não fôr para projectar os seus significados na vida presente”*.

Foi Tanegashima a ilha onde chegaram os primeiros Portugueses em 1543.

Deve admitir-se que todos os ensinamentos proporcionados pelos Portugueses, prepararam os Japoneses para uma fácil assimilação das ciências que se desenvolveu tão rapidamente no séc. XIX. Armando Martins Janeira fala, por exemplo, de Luís Almeida e sua ligação à actividade da medicina.

Em 1860, foi celebrado um tratado entre Portugal e o Japão que restabelecia as relações entre os dois países. Um tratado de Paz, Amizade e Comércio, embora só em 1920, as relações diplomáticas tomassem um aspecto normal. Mais tarde, no período da 2ª guerra mundial, o Japão invadiu Timor em 20 de Fevereiro de 1942, tendo retirado em Setembro de 1945, tendo-se mantido, no entanto, a soberania portuguesa naquele período, sendo hasteada sempre a bandeira portuguesa no Palácio do Governo.

De referir mais recentemente, foram traduzidas para o japonês algumas obras: “Os Lusíadas”, alguns autos de Gil Vicente, a “Peregrinação” de Fernão Mendes Pinto e algumas obras de Camilo, de Júlio Dantas e de Eça. Sobre Wenceslau de Moraes, sabe-se que a sua notável obra tem tido uma grande divulgação e sobre essa notável figura, Armando Martins Janeira escreveu os livros “Jardim do Encanto Perdido”, “Os Caminhos da Terra Florida” e “Um Intérprete Português do Japão”.

A primeira peça de teatro portuguesa, representada no Japão foi de Armando Martins Janeira e tem o nome de “Deserto de Espelhos”. Outras se tem seguido, referindo o “Auto da Índia de Gil Vicente.

No campo das relações económicas tem-se verificado um grande incremento de actividade com a importação e exportação de produtos e serviços específicos de cada um dos países que só a consulta das estatísticas publicadas pela Câmara de Comércio Luso-Japonesa permite avaliar.

Sobre o livro “O Teatro Moderno”

Armando Martins Janeira desde muito cedo manifestou o gosto e começou a escrever sobre Teatro. Nota-se na sua obra o resultado de uma longa e minuciosa pesquisa e análise das obras de teatro.

Em relação ao teatro português, considera-o cheio de “romantismo e ilusão já varridos lá fora”. Diz que o nosso bom teatro reduz-se às peças de Gil Vicente, Garrett e José Régio.

Sobre a evolução histórica do Teatro Português, faz notar que depois, de Gil Vicente, o teatro foi muito desvalorizado em conteúdo e expressão, apesar de ter havido e de haver alguns autores com nível, mas nitidamente não comparáveis a Gil Vicente. Houve influências dos espanhóis, franceses e italianos na concretização da acção teatral em Portugal, mas a Inquisição em nada contribuiu para a elevação do nível em Portugal.

Sobre Gil Vicente, Armando Martins Janeira expõe as seguintes considerações:

- *“Gil Vicente é olvidado, mais por culpa atribuída à gente do teatro: Encenações insípidas, textos ditos sem expressão, quando são apresentadas as peças (aliás raramente). Os estudiosos não “entram” no espírito da sua obra, mas apenas nos aspectos formais, biográficos”.*
- *“Há uma variedade muito rica de figuras nos autos de Gil Vicente e o elevado significado social que nelas se encontra. A descrição das personagens apresentadas nos autos com poderosa individualidade própria”;*
- *“O teatro vicentino é essencialmente constituído de símbolos”.*
- *“A principal fonte onde Gil Vicente vai buscar o poder das criações é o povo”.*
- *“A vida do tempo da parte final da Idade Média está reproduzida, inteira e palpitante nos autos vicentinos”.*
- *“ À parte Fernão Lopes, nenhum outro escritor nos dá a alma, a vida e a sociedade medieval com tanto realismo”.*

Sobre Garrett, a análise de Armando Martins Janeira, leva-o à seguinte interpretação:

- *“A obra mostra a preocupação de ressuscitar o teatro nacional incrustando um tema amoroso num ambiente dum auto vicentino”.*
- *“Por outro lado, manifesta a expressão de os temas integrarem intenções pedagógicas”.*
- Considera Garrett como o maior dramaturgo português.
- As peças de Garrett têm, segundo Armando Martins Janeira, *“um cunho vincadamente histórico. Pena foi que não tivesse escrito algumas peças sobre a vida contemporânea”.*
- Revela que da leitura das obras de Garrett a que lhe merece maior destaque é a peça “Frei Luís de Sousa”.

Segundo Armando Martins Janeira, *“... Só subsistem as peças cujos personagens têm vida própria”.*

Sobre José Régio a caracterização do espírito e obra feita por Armando Martins Janeira, é a seguinte:

- *“A poesia de José Régio é, na sua contextura, essencialmente dramática”;*
- *“José Régio é poeta e dramaturgo. É acusado de pessoalismo excessivo pelos críticos ao que respondeu que “ o que mais lhe interessa da sua pessoa para a poesia é aquilo que nela é humano”;*

- *“As preocupações de ordem espiritual e mental de José Régio. seriam próprias de um adolescente e só com mais se verifica um maior equilíbrio da sua atitude e inquietações “perante a sociedade e o seu pleno desenvolvimento moral”*
- Uma das obras de José Régio que ele destaca é “Benilde ou a Virgem Mãe”. Armando Martins Janeira vai ao ponto de exprimir o entendimento que esta peça e “Frei Luís de Sousa” *“são, talvez as únicas peças em toda a nossa literatura em que os personagens têm vida própria, são pessoas verdadeiras, cujas almas são agitada por forte sopro dramático”*. Tem sido feita a analogia da peça *“Benilde ou a Virgem Mãe”* com a peça *“Anunciação feita a Maria”* de Claude, com a insinuação de que Régio imitou esta obra. Armando Martins Janeira critica estas insinuações que pretendem diminuir os valores dos intelectuais portugueses.

Sobre o “O Teatro e a Sociedade Portuguesa”:

“O teatro português é necessariamente reflexo da nossa vida social” diz Armando Martins Janeira com a *“Consequência: A riqueza dos costumes, hábitos e maneiras de ser das pessoas reflecte-se no teatro, tanto na qualidade intrínseca como na dos actores que, raros são os bons, e como nos encenadores”*.

Diz: *“A fecundante influência do ambiente social no teatro português só se encontra totalmente realizada no século XIV”. A sociedade do tempo de Gil Vicente era rica de movimentos e contrastes. Depois de Gil Vicente – séc. XVI – a evolução do valor do teatro é no sentido da sua diminuição”. A partir de 1580, há as lutas internas derivadas do domínio espanhol. A seguir vem a Inquisição altamente limitadora, depois vem Pombal com as limitações e apertos de liberdade, etc. Só as lutas liberais trazem alguma esperança de animação da sociedade portuguesa. Surge, então, Garrett”*.

Pergunta de Armando Martins Janeira: “Tem o Português qualidades para o teatro ?”

Diz ele: *“As qualidades exigidas no teatro, como arte, são o génio, a obra dramática que requerem observação e crítica”*. Acrescenta que *“..importa observar profundamente a sociedade, o homem português na íntegra para poder exprimir o resultado das suas observações minuciosas da sua natureza e importante no romance e no teatro, mesmo que as condições sociais não sejam as mais favoráveis comparativamente com os estrangeiros, sociedades mais ricas. Ao mesmo tempo, além da observação cuidada e detalhada, há que ser acrescentada uma acção crítica para melhor poder definir as situações dramáticas no teatro”*. No caso português, sendo a revista uma das preferidas e dado o seu carácter de divertimento e distracção e alívio de espírito, só há que

melhorar o seu nível em todos os aspectos: Actores, enredos, encenações, espiritualidade e busca da aproximação com o público”.

Sobre o “O Teatro e o Povo”, diz:

“O Português não deve copiar pura e simplesmente o que vem de fora, mas apenas ver nisso fonte de inspiração e aplicar à nossa maneira, ao nosso ambiente, ao nosso ser Português”.

Relativamente a “O Teatro e a Língua” entende que:

“O uso adequado da linguagem corrente, não com o desenvolvimento extenso e desnecessário, mas condensando numa frase ou frases o que é uso dizer por uma larga conversa, captando o essencial verbal da linguagem falada”. “A língua também deverá ser adaptada, evitando as “excelência”, os “excelentíssimos”, por exemplo que se vê em certas peças teatrais o que retira naturalidade ao diálogo”.

Referindo-se a “O Teatro e a Literatura”

“A literatura tem de ser cuidadosa na expressão teatral, dado que envolve personagens que têm de expor perante um público, devendo, tanto quanto possível parecer real”.

Sobre a “Unidade na vida teatral” refere o seguinte:

“Unidade” – “Expressão que engloba a representação dos actores, os cenários, as luzes,, a música, a dança, as quais devem virar a interpretação do espírito da peça e dar-lhe completa expressão cénica” e acrescenta: “O teatro não é só uma daquelas componentes, é um todo, cabendo ao encenador a tarefa da sua conjugação e prática para garantir homogeneidade do todo e equilíbrio entre autor e actor”.

Relativamente “O Mundo Real através da Ilusão de Óptica”:

Diz que “O simbolismo é muito usado, mas o realismo não deverá ser aplicado no campo cénico?”

Refere-se aos “Deveres do Estado para com o Teatro”:

“Os estrangeiros tem o teatro superiormente apoiado com incentivos, salas e formação. “No nosso País, devemos ter um Teatro Nacional que procure a cultura nacional e não objectos comerciais, que no Porto, quer em Lisboa. Haverá que escolher um bom director, as peças de clássicos nacionais e estrangeiros, que renovar com muita frequência as peças e respectivos intérpretes, elaborar programas que cativem e

interessem o público, divulgá-los, prever actuações nas regiões do interior. Tudo com o apoio do Estado”.

Sobre o “O Teatro Estrangeiro Actual”:

A descrição de Armando Martins Janeira é oportuna mas está desactualizada. Dá ênfase ao teatro inglês e francês e outros (irlandês, alemão, italiano, austríaco, húngaro e americano) o que prova o elevado conhecimento do teatro nos países atrás referidos países o que demonstra um grande esforço e dedicação das obras e principais aspectos por ele referidos na sua análise. A bibliografia apresentada por Armando Martins Janeira, justifica esta conclusão.

Quero, finalmente, referir o livro “Os Caminhos da Terra Florida” no qual Armando Martins Janeira fala sobre o Japão nas suas muitas vertentes: Os seus encantos naturais (Refere que foi o primeiro português a subir ao cimo do sagrado Monte Fujima, onde, diz a tradição que é aqui que habitam os velhos deuses nipónicos), as cidades, como Kioto e Tóquio, a cultura, teatro (em particular o teatro Nô e o “kabuki”), cinema, dança, poesia, a pintura e tradições locais. Fala também, e mais uma vez, sobre Wenceslau de Moraes. Diz que o teatro de Gil Vicente, já foi apresentado no Japão.

Muito haveria a dizer, mas fico-me por aqui. Os meus agradecimentos pela paciência em me terem escutado.

Torre de Moncorvo, 25 de Julho de 2015

Ramiro Manuel Cordeiro Fernandes Salgado.